

**21/1/1986**

**“Bóias-frias param usinas por 2 horas em São Paulo”**

São Paulo — Bóias-frias ligados ao Sindicato Rural de Guariba, (único da região filiado à CUT — Central Única dos Trabalhadores) paralisaram suas atividades ontem pela manhã por duas horas, fazendo piquete nas principais estradas que ligam as usinas Santa Elisa e São Martinho, as maiores daquela área do estado. Eles querem Cr\$ 50 mil de diária e o fim dos herbicidas, para aumentar a mão de obra na capinagem.

Os usineiros consideraram a greve "política", alegando que acabaram de conceder uma antecipação salarial de 30%. O movimento dos bóias-frias foi liderado pelo presidente do Sindicato Rural de Guariba, José de Fátima, que observou: "A greve foi decretada em uma reunião de amigos". Fátima denunciou que há mil 500 bóias-frias desempregados e explicou o pedido do fim do uso de herbicidas, como forma de se retribuir aos trabalhadores o corte do capim. Guariba ficou conhecida em 1983 quando uma greve de trabalhadores marcou um ciclo de paralisações no meio rural.

José de Fátima informou que, com a movimentação ontem pela manhã, os bóias-frias conseguiram paralisar as usinas São Martinho, São Carlos, Santa Adelaide e Bonfim. Sindicalistas da CUT receberam com surpresa a movimentação em Guariba. Alguns diretores viajaram para lá a fim de ver de perto a situação.

Os usineiros da região de Sertãozinho e Ribeirão Preto desmentiram que a paralisação tenha atingido quatro usinas, informando que ela só prejudicou as produções, de forma parcial, das usinas Santa Elisa e São Martinho.

Um usineiro comentou: "José de Fátima (o presidente do sindicato dos trabalhadores) deve ter ficado aborrecido porque concedemos uma antecipação salarial que ele não esperava. O salário do bóia-fria foi para Cr\$ 1 milhão 295 mil, com a hora trabalhada valendo Cr\$ 39 mil, a partir de 1º de fevereiro". José de Fátima pretende que o reajuste tenha validade a partir de 1º de janeiro, com o que os usineiros não concordam.

— Não há bóia-fria desempregado hoje na região. Todos estão trabalhando, até no plantio de grãos — disse um usineiro. "Há 1 mil 500 desempregados", retruca o sindicalista José de Fátima.

**(Página 8)**